



Director literario:

*Ataquos*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

Director artistico:

*Edwardo Malta*  
PAPUSSE

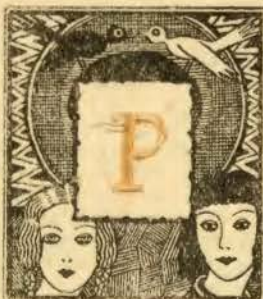


POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)



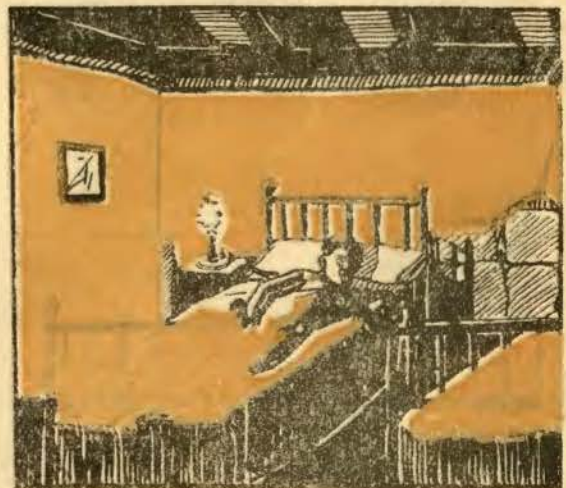
EDRITO, no seu quarto pegado ao quarto do Tio Anastácio, escutando o praguejar da Ti'Ana e as ameaças do Tio, olhava, entre os lençóis, com a pontinha do nariz fóra da roupa, cheio de tristeza e saudade, a caminha vazia, ao lado da sua, onde Paulito costumava dormir.

— «E se ele nunca mais tornasse?...» dizia consigo próprio, scismando no rumo que levaria o seu querido irmãozinho, talvez já bem arrependido,

do do que fizera, lá fóra, ao frio, sem cama para dormir nem teto a que se abrigar! E pôs-se a chorar, sózinho, a abafar os soluços para que os tios o não pudessem ouvir. Por fim, adormeceu. Adormeceu e sonhou que Paulito se havia atirado ao rio e que ele se atirara também para o salvar e o trouxera para casa, sem sentidos. Que o deitara na caminha ao lado da sua mas que, mal ele viera a si, o Tio Anastácio o desancara com as correias da tilha da Russa Molenga.

Nisto, esfregando os olhos, estremunhado, acordou. Tornou a olhar a caminha de Paulo e, vendo-a vazia, teve então a consciência de que estivera a sonhar. Já o sol entrava

pelas frestas do pequenino postigo quando, de súbito, ouviu três fortes pancadas na parede do quarto ao lado. Pensou que houvesse sido Paulito que, finalmente, tivesse vindo e



estivesse a apanhar uma grande sova do Tio Anastácio. Mas logo percebeu que se enganara pois a voz da Ti'Ana resmungou de seguida:

— «Levanta-te Lêsma, sorna de uma figa, anda madraço, vai amassar as sêmeas!»

Enquanto Pedrito à pressa se vestia para dar cumprimento à ordem da Ti'Ana, a meia légua da casa onde eles moravam num pequeno areal na margem do rio Coína que banha a aldeia de Paio: Pires e seus arredores, a poucos passos da vila do Seixal, Paulito, no meio dos saltimbancos ensaiava o seu primeiro espectáculo, trajando o fato de malha cõr de rosa do pai Rambóia que a mãe Lêsma cortara, talhara e lhe puzera ao corpo, em duas horas de costura aturada, pois pai Rambóia possuía outro de mais luxo que só vestia aos domingos e passaria, de futuro, a pôr sempre que trabalhasse.

Paulito ensaiava agora o difícil equilíbrio das cadeirinhas sobrepostas. Com tanta agilidade e perícia galgou para cima delas que Nucha não poude conter-se que não soltasse um bravo: — bravo, Lito! — aplaudindo-o com palmas, num espontâneo entusiasmo infantil que lhe valeu uma tremenda bofetada da mãe Lêsma, castigando-a: — «Bem sabes que enquanto se ensaia-se não fala. Torna e verás!...»

Numa súbita indignação, do alto poleiro em que se encontrava, Lito sentiu tentações de atirar à cabeça de Lêsma uma das cadeirinhas. Todavia conteve-se. Pai Rambóia subia agora, como um macaco, pelas cadeiras, disposto a equilibrar-se sobre ele. Mas Lito, ainda inexperiente, ao sentir sobre os pequenos ombros as mãos sapudas do pai Rambóia, que tanto pesava, desequilibrou-se e estatelou-o na areia, vindo cair, também, de bruços, no lado oposto.

Uma sarivada de pontapés bárbaramente açoitou o saltimbanco estreante, que, puxado pelas orelhas, foi obrigado a repetir a peripécia, finalmente realísada com êxito. Terminado o ensaio, puzeram-se, de novo, a caminho.

A meio dum atalho, que ia desembocar numa ampla es-

— e um homem alto, também de pele trigueira, esgrouvinhado, sêco, mas de porte airoso, trajando jaleca de alamares, facha vermelha e chapéu *mazantine*.

No meio dêles, via-se um tacho de ferro, sustentado por



três pedregulhos, ao lume crepitante e rubro duma pequena fogueira que uma das ciganas com um abano já muito esfriado, ateava de quando em quando. Uma outra, ao lado, descascava batatas enquanto a terceira partia pequenas achas de lenha, folhas e troncos sêcos de pinheiro, ao mesmo tempo que o cigano esgrouvinhado, sentado sobre um mórro, enrolava entre os escuros dedos uma nívea mortalha com tabaco, na maquina tarefa de fazer um cigarro.

Então, uma parte dos grupos, num distraído entrecruzar da vista, reconhecendo-se, expansivamente saudaram-se:

— «Pai Rambóia, mãe Lêsma, a Nucha... esta é a Nucha?... como está crescida!»

— «Viva lá, só Zagalote! então por aqui?!...» berrou, ronquenho, o saltimbanco idoso, estendendo para o cigano, já de pé e de braços abertos, a mão sapuda, toda coberta de pêlos.

— «Então a fedúncia tem-te dado interesse? Boa compra, fizeste! Dez mil reis por isto... — (e o cigano erguia nos braços a pequenita Nucha) — uma arrôba de carne naquele tempo, hoje duas ou três! Has-de concordar que foi negócio de trús!... Um ovo por um real!»

— «E o que temos gasto com ela em comida, bebida, calçado, roupa e miminhos, não se conta?» rouquejou a mãe Lêsma com sua voz avinhada,

— «Faço ideia que os mimos hão-de ter sido muitos!» murmurou do seu poiso, em ar de motejo, a segunda cigana, não parando na faina de descascar as batatas.

Paulito, pasmado, ouvia toda aquela conversa, sem claramente a perceber, mas já convicto, certo, de que estava em presença de uns grandes patifórios, olhando, ao mesmo tempo, cheio de simpatia, de pena e compaixão, para a amiguinha Nucha que, de olhos esbugalhados, nada compreendia.

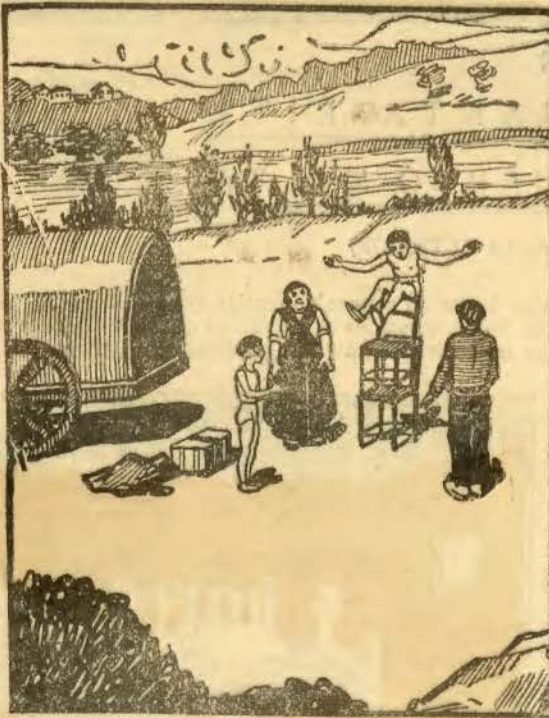
— «E este fedelho foi também comprado?» bradou o cigano apontando Lito que, quasi a tremer de medo, instintivamente se abraçou à pequenita companheira de quem se sentia cada vez mais amigo.

— «Nada, não!... — (explicou pai Rambóia) — encontrei-o ontem perdido e trouxe-o connosco.

— «Ah! (exclamou o cigano, num ar de malícia e duvida, desviando a conversa). — E dão logo espectáculo à noite?»

— «Além na vila... aparece por lá!»

— «Está combinado!» respondeu o cigano estendendo-lhe a mão e vendo-os partir. Depois, dirigindo-se ao grupo das



trada ladeada por altos eucaliptos, depararam um rancho de ciganos: — três mulheres bastante morenas, de escorregos cabelos, cõr das ázas dos corvos, brilhantes, luzídios, com trajos de vivíssimas côres — (amarelo, vermelho e azul)

ciganas, exclamou em voz baixa: — «Já ganhei o meu dia. Até logo!»

— «Onde ides?!...» perguntou-lhe a cigana que estava abanando o lume.

— «Ao Casal da Saudade, a casa do D. Jorge. Ah, rica mulher, que já ganhei o meu dia!» E com estas palavras misteriosas o cigano abalou a passos de gigante.

A boquinha da noite dêsse mesmo dia, meia hora depois do sino da ermida haver batido Trindades; — T...ã...ol... T...ã...ol... T...ã...ol... em toda a vila do Seixal rufou, novamente, o ruidoso tambor dos saltimbancos: — *Rataplan-plan-plan!*... *Rataplan-plan-plan!*... *Rataplan-plan-plan!*...

As portas modestas das casas humildes, as crianças pobres, garotinhos da rua, batiam as palmas, saltavam, pulavam, gritavam, exclamando radiantes: — Palhaços! palhaços!...

Enquanto pai Rambóia armava o trapézio, mãe Lésma enchia os candieiros de acetilene, Nucha estendia o tapete de sarapilheira, Lito continuava a rufar o tambor: — *Rataplan-plan-plan!*... *Rataplan-plan-plan!*... *Rataplan-plan-plan!*... até que, por volta das nove horas, começou o espectáculo.

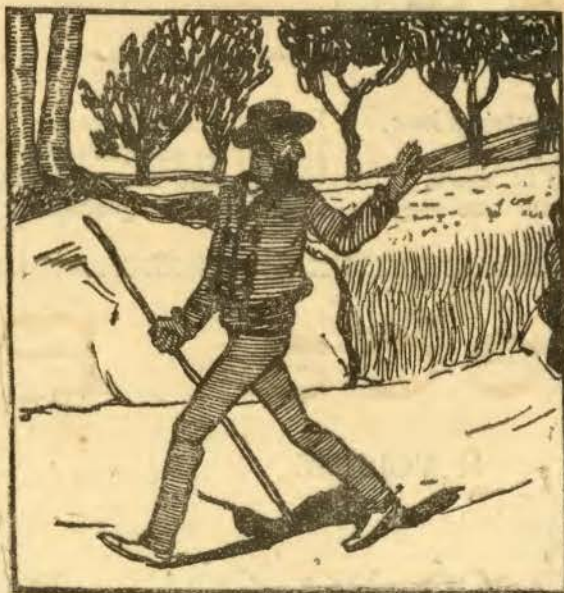
Em redor dos saltimbancos, já todo o povo da vila, de olhos fitos no alto das três cadeirinhas sobrepostas, admirava, cheio de pasmo, as habilidades de Lito que sustinha, sobre os ombros, pai Rambóia e Nucha, equilibrados, em riscos de um trambolhão. Mas Paulito estava, positivamente, em maré de sorte e tão bem os aguentou que, mal êles desceram, todo o povo irrompeu numa estrondosa salva de palmas.

Enquanto pai Rambóia e Lito agora trabalhavam num trapézio, Nucha, deixando a arena iluminada, o grande círculo de luz que os candieiros de acetilene projectavam sobre o tapete, mergulhou na sombra densa da noite, dirigindo-se para a carrocinha de lona encerada, a pouca distância, a fim de mudar o traje de malha cor de rosa pelo vestidinho de chita com que era costume cantar ao som do cornetim.

Mas ao sair da barraquinha de lona, atrelada ao burro lazarento que escabeceava, com sono, Nucha sentiu-se, de chofre, sufocada por uma mão áspera que lhe tapava a boca e arrebatada por uns braços fortes, ao colo de um homem que abalava a passos de gigante.

Já longe, a meio da estrada ladeada por altos eucaliptos, poude, enfim, embora com expressão de terror, encarar o homem que inda ao colo a levava mas que, finalmente, lhe destapara a boca e lhe deixara os movimentos mais livres.

Então, fixando-o, horrorisada, reconheceu-o! Era o mes-



mo cigano que vira de manhã, e que tanto medo logo lhe causara.

— «Deixe-me, senhor, largue-me! Largue-me; que mal lhe fiz?!...» suplicou, então, a pequenita, entre soluços.

— «Não tenhas medo... (murmurou o cigano) Não te vou

fazer mal, sossega! Pelo contrário; vais ser tratada que nem uma princesa!» — e continuou a correr sempre com ela ao colo.

Entretanto, quando no meio do povo em magotes, pai Rambóia, já de cornetim na boca, esperava que Nucha sur-



gisse, para a acompanhar na cançoneta, viu aparecer a mãe Lésma, que, muito comprometida, lhe disse em segredo:

— «A Nucha acaba de fugir!... Procurei-a na barraça e não a encontrei! Que se há de fazer?!...»

Pai Rambóia com medo que o público, ao saber a notícia, se fosse embora sem pagar, respondeu-lhe em voz baixa:

— «Não digas nada a ninguém e vai tu cantar por ela».

Então, numa voz de cana rachada, que fez toda a gente rir, mãe Lésma, feia como um bode, pôs-se a cantar a cançoneta que Nucha, tão loira e tão linda, dizia com tanta graça:

Sou a Princesa encantada,  
Fadada  
Por uma fada,  
Isolada  
Numa torre de marfim;  
Mas tenho, em todos os lados,  
Princezinhos encantados,  
Apaixonados  
Por mim!

E assim, pouco depois do habitual peditério, recolhida a bandejinha cheia de cédulas, terminou finalmente a divertida função, entre os alegres comentários do povo que, dispersando, fazia lembrar, de novo, o desmanchar de uma feira.

Meia hora passada, no meio de um descampado, entre as sombras oscilantes da noite, como ursos bailando ao som de um grande pandeiro; — a lua (que havia pouco nascera) Pai Rambóia e mãe Lésma ceavam, comentando o desaparecimento da pequenita Nucha, enquanto Lito, sem vontade alguma de comer, muito triste, scismava: — «que será feito dela?!».

CONTINUA NO  
PRÓXIMO  
NUMERO

# BOAS CONTAS

— DUMA —



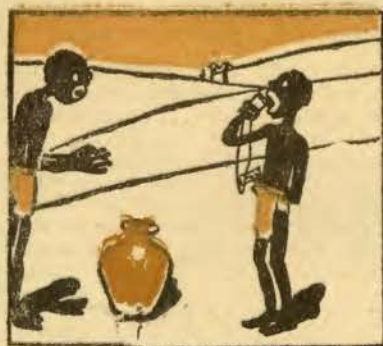
Chichibéu e Magaluna,  
Dois pretinhos quási nus,  
Resolvem fazer fortuna  
Com um negócio de trús.



Como tinham dez mil reis,  
— (Um capital excelente) —  
Foram comprar dezasseis  
Lítros de bela aguardente.



Já paga a mercadoria,  
Magaluna viu, então,  
Que do troco, demasia,  
Lhe ficara inda um tostão.



Chichibéu todo contente,  
Logo responde: — pois não!  
Toma um coço de aguardente  
E dá-me cá o tostão!



Mas passado um quarto d' hora,  
Chichibéu diz, a suar:  
— «Vende-me cá tu, agora,  
Que eu tenho com que pagar!»



E assim sucessivamente,  
De quando em quando bebendo,  
Um ao outro vão vendendo  
Copinhos com aguardente.

## Biblioteca PI

I VOLUME

BARRACA  
DE  
FANTOCHES

— (AVENTURAS) —

II VOLUME

CÓ-CÓ-RÓ-CÓ! PÁ -

— (CONTOS) —

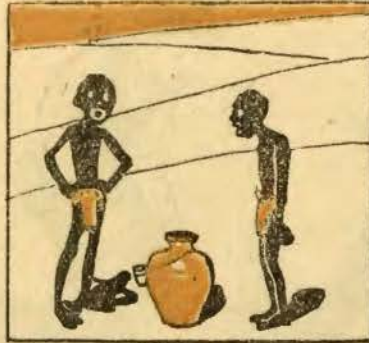
— (PÁ -

# DEITA O PRETO

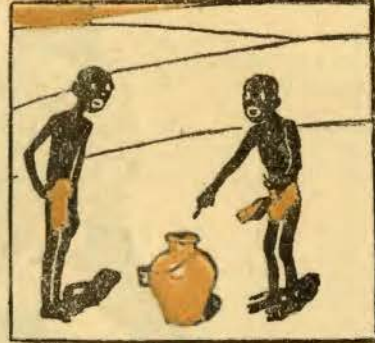
ANEDOTA —



Atravessando o sertão,  
Meetem-se os dois ao caminho...  
— «Eis aguardente a tostão;  
A tostão cada copinho!»—



Mas, cansado do pregão,  
Sob o peso da aguardente,  
Magaluna diz, então,  
Um pouco tímidamente:



— «Olha lá, Chichibéuzinho,  
Faz tanta sede o sertão!  
E se eu comprasse um copinho,  
Pois tenho aqui um tostão?!»



Mas parando, sem demora,  
Logo puxam pela agenda:  
— «Vamos nós a ver, agora,  
Quanto apurámos na venda!»—



— «Já vendemos quinze litros...  
O decilitro a tostão,  
Vem a ser em decilitros  
Quinze mil reis!»— «Onde estão?!»



E não achando em dinheiro  
Mais que um tostão, espantados,  
Desataram num berreiro:  
— «Jesus que estamos roubados!»—

M - P A M - P U M !

VOLUME

IV VOLUME

V VOLUME

Á - P Á

LANTERNA  
MÁGICA

O PAPAGAIO  
AZUL

(CONTOS) —

— (CONTOS) —

— (CONTOS) —

# O PIÃO



P O R  
GRACIETTE BRANCO  
 Desenho de EDUARDO MALTA

...Z-Z-Z-Z-Z...

— E na estrada,  
empoeirada,  
sôbre o chão  
gira o pião...

...Z-Z-Z... Z-Z-Z...

Como um pobre embriagado  
o pião vai para o lado...

...Z-z-z...

...Z-Z-Z-Z-Z...

Gira, gira  
como louco...  
— falta pouco  
p'ra parar...

...e val...e val...e parou.

...z!

...Z-Z-Z-Z-Z...

— Um pouco atrás  
o rapaz,  
tem nêle as duas meninas  
dos seus olhos, pequeninas,  
que parecem dois piões  
a girar...

E o rapaz,  
um pouco atrás,  
quieto e mudo ficou,  
extático a meditar...  
— E' que sentira girar  
seu coração, sem cansar,  
numa roda d'ilusões...

— Nimbados de luz e esp'ranças,  
os corações das crianças  
voltejam como piões!...

# HORA DO RECREIO

## BONECOS DE PASTA

Meus queridos sobrinhos:

Quereis um boneco de pasta ou um lindo fantoche sem gastar cinco réis? Parecer-vos-há impossível; contudo podereis obtê-lo com um pouco de paciência e sobretudo alguma habilidade. Segui à risca as seguintes instruções e êle surgirá, entre as vossas mãos, como um milagre.

porção de farinha de trigo. Em seguida esfarelai muito bem com as mãos o papel, amolecido pela água, comprimi-o entre os dedos, juntando-lhe a goma de farinha e amassando tudo convenientemente.

Conseguida a massa, fazei com ela uma bola e dai-lhe depois a forma de uma cabeça, fazendo-lhe um buraco na base do pescoço. Duas dedadas nos pontos onde devem mar-



Deitai numa vasilha ou alguidar com água umas quinze a vinte folhas de papel de jornal — (é preferível sem letras) ou qualquer papel de embrulho que seja pouco espesso e deixai-o de molho durante algumas horas. Feito isto pedi a vossa mãe que vos mande derreter ao lume uma pequena

car-se os olhos, (fig. I) — modelai-lhe as bochechas e o queixo conforme os vossos recursos escultóricos e levai-a depois ao forno ou ponde-a a secar ao sol durante um dia.

Desenhai-lhe os olhos com uma caneta conforme a fig. III indica, pintai-lhe a boca e as bochechas com um pincel molhado em tinta vermelha, de aguarela. Com um pedaço de pele de coelho, colai-lhe a ganforina, e assim ficará concluída a cabeça do boneco ou do fantoche, apta a durar eternidades pela sua consistência. No próximo número vos ensinarei a fazer-lhe o corpo.

Todo vosso = TIO PAULO.

## ADIVINHAS

SUBSTITUIR OS PONTOS POR LETRAS E TEREMOS:

dezoito nomes de aves

```

. . . V .
. . . I .
. . . V .
. . . A .

. . . O

. . . P .
. . . I .
. . . M .

. . . P .
. . . A .
. . . M .

. . . P .
. . . U .
. . . M .

. . . V .
. . . I .
. . . V .
. . . A .
    
```

Romeu Mendes Ferrão

oito nomes próprios (masculinos)

```

. . . T .
. . . I .
. . . O .

. . . P .
. . . A .
. . . U .
. . . L .
. . . O .
    
```

F. Marques da Silva

### DECIFRAÇÕES

das adivinhas do número anterior;

- 1 — AR.
- 2 — FOLHA.

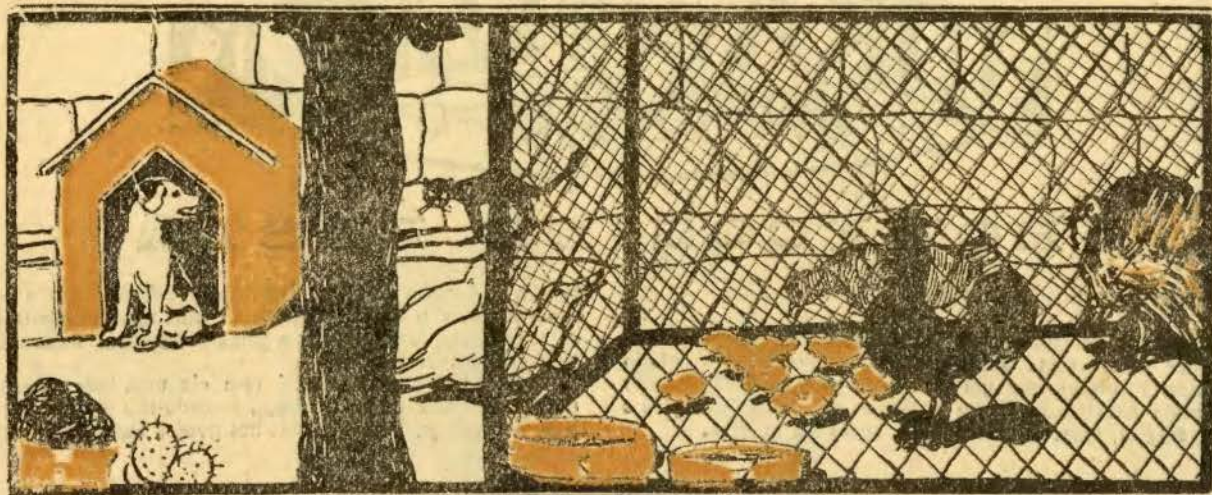
## ENIGMAS PITORESCOS

POR

FERNANDO MARQUES DA SILVA



Fernando Marques da Silva 1911-1912



# A ELEGIA dos QUINTAIS

POR GRACIETTE BRANCO  
DESENHO DE EDUARDO MALTA

— Em seu poleiro  
grosseiro,  
diz o galo  
com regalo  
firme e só:  
— Có-có-ró-có!

— Depenicando  
em palhinhas,  
diz um bando  
de galinhas:  
— Có-có-có!

— Novelinhos  
d'algodão,  
em seus ranchinhos  
no chão,  
respondem os pintainhos,  
num cício:  
— Pi-pi-piu!

— Em seu "chalet" de madeira  
diz o cão,  
com voz grosseira:  
— Ao-ão-ão!

— Em fugidas  
em corridas,  
em subidas  
e descidas,  
dizem os gatos

gaitos:  
— Rinhánháu!

— Nos lagos frescos e mansos,  
dizem os patos e os gansos,  
nadando,  
num lindo bando,  
para cá  
e para lá:  
— Cuá-cuá-cuá!

— E num grito  
exquisito,  
diz o perú:  
— Glú-glú-glú!

— Có-có-ró-có!  
— Có-có-có!  
— Pi-pi-piu!  
— Glú-glú-glú!  
— Rinhánháu!  
— Cuá-cuá-cuá!  
— Ao-ão-ão!...

! Mas que será? Que será?!  
! O que dirão? Que dirão,  
naquela perpétua reza?!

!... E eu a scismar,  
aqui presa!!...  
... Eu a querer decifrar  
as vozes da Natureza!!